



ASPECTOS DA IMIGRAÇÃO UCRANIANA PARA O BRASIL: AS (A)DIVERSIDADES NA REGIÃO CENTRO-SUL DO PARANÁ¹

ASPECTS OF THE UKRAINIAN IMMIGRATION TO BRAZIL: THE DIVERSITY IN CENTER-SOUTH REGION OF PARANÁ

Tadinei Daniel Jacumasso²
Ciro Damke³

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo principal fazer um levantamento bibliográfico sobre os aspectos da imigração ucraniana para o Brasil, assim como verificar, por meio de relatos de descendentes ucranianos, os motivos que levaram os imigrantes a saírem da Ucrânia, as condições de viagem até o destino e os modos de estabelecimento em terras brasileiras. A relevância deste estudo se apresenta no momento em que se pretende discutir e registrar aspectos sócio-históricos concernentes à vinda dos imigrantes ucranianos para o nosso país, mais precisamente para a região Centro-Sul do Paraná e para a comunidade de Itapará, localizada no município de Irati. Nosso estudo toma como base os postulados teórico-metodológicos da sociolinguística e, em vista disso, após (re)vermos aquilo que essa teoria usa como norte, julgamos pertinente realizarmos uma pesquisa de campo, na qual coletamos os dados por meio de entrevistas com dez informantes e observação *in loco*.

PALAVRAS-CHAVE: imigração ucraniana, diversidade cultural, Itapará.

ABSTRACT: This study aims to make bibliography about the aspects of the Ukrainian immigration to Brazil, and verify, through Ukrainian descents' reports, the reasons why immigrants have left Ukraine, the conditions of their journey until their destination and the ways they were established in Brazilian land. The relevance of this study is in the discussion and registration of the socio-historical aspects concerning about the arrival of Ukrainian immigrants to our country, specifically to the Center-South region of Paraná and to Itapará community, located in Irati. Our study is based on the theoretical and methodological postulates of sociolinguistics, and having this in mind, after analyzing what was used in this theory, we considered relevant to have a field research, in which we gathered information through interviews with ten informants and also observation *in loco*.

KEY-WORDS: Ukrainian descents, cultural diversity, Itapará.

¹ Alguns apontamentos feitos neste estudo fazem parte de nossa Dissertação de Mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

² Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Professor Colaborador na Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. E-mail: tadinei@hotmail.com

³ Professor Doutor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: cdamke@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de investigações bibliográficas e de análises preliminares feitas a partir de relatos de descendentes de imigrantes ucranianos que moram na comunidade rural de Itapará, no município de Irati. Decidimos escrever algumas notas sobre a *diversidade* linguística e cultural da região Centro-Sul do Paraná, assim como fazer referência às *adversidades* por que passaram os imigrantes ucranianos nos primeiros tempos no Brasil.

A região Centro-Sul do estado do Paraná abrigou, há mais ou menos um século, imigrantes de diversas partes do mundo, principalmente de países europeus, como, por exemplo, Alemanha, Holanda, Itália, Polônia e Ucrânia. Em decorrência do grande número de imigrantes e de etnias que se instalou nessa região, essa é uma das regiões paranaenses que apresenta uma diversidade cultural e linguística bastante significativa. Ainda são preservados elementos culturais trazidos pelos imigrantes e, de certa forma, compõem as identidades dos seus descendentes.

Em relação às adversidades que os imigrantes passaram, cabe dizer que não foram poucas. Tratam-se, pois, de “guerreiros” que sobreviveram passando por dificuldades em todos os sentidos. Sofreram quando estavam em seus países de origem, pois não queriam deixar aquilo que possuíam e, por outro lado, não aguentavam viver sob pressão e miséria. Sofreram, também, durante a viagem, pois as condições eram precárias, e, por último, mas não menos importante, sofreram quando chegaram ao Brasil e não encontraram apoio e estrutura suficiente para se instalarem adequadamente, entre outros motivos.

Merece menção o fato de que por discutirmos, nesse estudo, questões relacionadas à imigração ucraniana para o Brasil, não o fazemos com intenção de desmerecer as outras etnias de imigrantes que vieram para o nosso país. Muito pelo contrário, entendemos que todas as etnias merecem destaque e esperamos que o estudo que fazemos sobre a imigração ucraniana desperte interesse em outros pesquisadores para que volvam seus olhares para as outras etnias que constituem a referida região.

O objetivo principal deste trabalho é fazer um levantamento bibliográfico sobre os aspectos da imigração ucraniana para o Brasil, assim como verificar, por meio de relatos de descendentes



ucranianos, os motivos que levaram os imigrantes a saírem da Ucrânia, as condições de viagem até o destino e os modos de estabelecimento em terras brasileiras.

A relevância deste estudo se apresenta no momento em que se pretende discutir e registrar aspectos sócio-históricos concernentes à vinda dos imigrantes ucranianos para o nosso país, mais precisamente para a região Centro-Sul do nosso estado e para a comunidade de Itapará. Entendemos, também, que a pertinência dessa investigação se manifesta no sentido de que devemos estudar e entender o regional e, em decorrência disso, estaremos capacitados para entendermos o universal. Nosso trabalho parte para o entendimento de uma comunidade local e segue, quem sabe, para o entendimento do processo migratório de maneira geral. Merece destaque, nesse momento, o fato de que alguns estudos (GÄRTNER, 1998; OGLIARI, 1999; RAMOS, 2006; entre outros) já foram realizados sobre a temática, porém, não excluem, a nosso ver, a relevância deste proposto por nós. Além disso, este é o primeiro, a nível *Stricto Sensu*, que toma a comunidade de Itapará como ponto de partida para as investigações.

Nosso estudo toma como base os postulados teórico-metodológicos da sociolinguística. Desse modo, após (re)vermos aquilo que usa como norte essa teoria, entendemos pertinente realizarmos uma pesquisa de campo, na qual coletamos os dados por meio de entrevistas com dez informantes e observação *in loco*. As observações foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2008 e nos meses de março, abril e maio de 2009 com uma periodicidade de aproximadamente quinze dias. As entrevistas foram realizadas nos meses de maio e junho de 2009, também com uma periodicidade de quinze dias.

Por se tratar de uma investigação sobre aspectos culturais relacionados à comunidade rural de Itapará, entendemos que era necessário criar alguns critérios para a inclusão de informantes em nossa pesquisa. Frente a isso, tomamos como critérios o seguinte: i) os informantes deveriam morar na comunidade rural de Itapará desde que nasceram ou deveriam ter ido morar naquela comunidade enquanto crianças; ii) os pais dos informantes deveriam ser imigrantes ucranianos e/ou descendentes ucranianos; iii) os informantes não deveriam ter morado em outra comunidade por um período maior que dez anos; iv) os informantes deveriam saber falar a língua portuguesa.

Além de obedecer aos critérios estabelecidos e mencionados anteriormente, incluímos os informantes considerando outros fatores, a saber, três faixas etárias, assim dispostas: a) um homem e



uma mulher para a faixa etária dos dez aos vinte e cinco anos; b) um homem e uma mulher para a faixa etária dos vinte e seis anos aos cinquenta anos; c) dois homens e duas mulheres para a faixa etária dos cinquenta e um anos em diante. Além dos oito informantes acima mencionados, participaram da pesquisa a diretora da escola e o padre responsável pelas celebrações na comunidade.

Incluímos, neste estudo, dois homens e duas mulheres para a faixa etária dos cinquenta e um anos em diante porque entendermos que os informantes dessa faixa etária *guardam/lembram* de forma mais viva as memórias da comunidade e da imigração ucraniana para o Brasil. Além disso, incluímos no rol de informantes, o padre e a diretora da escola local por entendermos que um deles, o padre, teria condições de trazer em seus relatos, a relação que os membros da comunidade de Itapará mantêm com a igreja e, a outra, a diretora, nos relataria questões relacionadas ao ensino de línguas na escola.

Por se tratar de uma investigação de cunho qualitativo/etnográfico, acreditamos, *a priori*, que o número de dez informantes é suficiente para a nossa análise. Os informantes foram entrevistados e os temas abordados nas entrevistas foram conduzidos pelo pesquisador. Não aplicamos questionários específicos e sim, demos mais ênfase aos relatos de experiência pessoal.

Para a realização das entrevistas buscamos apoio em Pollak (1989) e Halbwachs (2004) no tocante à discussão que fazem sobre as Memórias. Além disso, para uma discussão no campo da História Oral, nos apoiamos em Meihy e Holanda (2007). A respeito da pesquisa qualitativo-etnográfica, nos amparamos em Geertz (1989), Lüdke e André (1986) e André (1998).

No que tange aos aspectos éticos da investigação, submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIOESTE, vinculado ao Conselho Nacional de Saúde. Os informantes foram avisados dos objetivos deste estudo e concordaram, por livre e espontânea vontade, em participar das entrevistas, assinando, assim, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Segue, anexado ao final deste trabalho, o modelo de TCLE no qual constam todas as garantias de ética e sigilo em relação às identidades dos informantes da pesquisa. Frente ao exposto, identificamos as pessoas que participaram da pesquisa com pseudônimos.

A maioria das entrevistas foi realizada nas casas dos informantes e algumas no salão de festas da igreja da comunidade de Itapará. A respeito de como se deve portar o pesquisador antes e durante as entrevistas, nos apoiamos nos postulados de Labov (1983; 2008), Tarallo (2005), Pereira (1999) e



André (1998). Sobre isso, Pereira (1999, p. 103) discorre que “a entrada de campo é um momento crucial para o desenvolvimento em uma pesquisa de campo, sendo assim, cabe ao pesquisador valer-se de sua intuição e sensibilidade para criar um contexto favorável ao seu trabalho”. Cientes da importância da entrada de campo para uma boa coleta de dados, buscamos nos aproximar dos informantes de modo que criássemos uma *rede/sentimento* de confiança. Além disso, devemos destacar que, pelo fato de termos conosco, na ocasião das entrevistas, uma acompanhante conhecida de alguns informantes, nosso acesso a eles se deu de maneira bastante produtiva e compensatória. Merece menção, ainda, a boa receptividade que tivemos de todos informantes. Eles se mostraram dispostos a colaborar com a realização da pesquisa.

DISCUSSÃO SOBRE A IMIGRAÇÃO UCRANIANA PARA O BRASIL

Nesta parte, é válido discorrer que a imigração ucraniana para o Brasil ocorreu, basicamente, para os estados do Paraná e Santa Catarina e se deu, conforme Boruszenko (1995), em três fases, a saber: a primeira foi no final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, época em que a Ucrânia pertencia ao Império Austro-Húngaro, administrado pelos poloneses e judeus. A segunda, logo após a Primeira Guerra Mundial, ocorreu por motivos políticos em virtude da catástrofe sofrida pelo jovem Estado ucraniano (1918-1920) e, a terceira etapa da imigração ucraniana, diga-se de passagem, a mais representativa, aconteceu depois da Segunda Guerra Mundial.

Segundo Burko (1963, p. 43), “foi justamente D. Pedro II quem iniciou, com melhor sucesso, uma política imigratória destinada a trazer para o Brasil e conservar no país o elemento estrangeiro útil à formação da nossa economia, quando não da raça brasileira”. Entre outros motivos, era preciso o braço do imigrado para que o país melhorasse a sua produção agrícola com o intuito de aumentar a exportação. Sobre esse intuito de trazer imigrantes para o Brasil e a colaboração que trariam ao desenvolvimento brasileiro, Nadalin (2001, p. 65) afirma que “além de inovar no que concerne à ruptura do sistema latifundiário, os imigrantes deveriam introduzir no país, novas e produtivas técnicas agrícolas, ensinando-as aos habitantes da terra, junto com as *virtudes do trabalho*” (grifos do autor). Para isso, D. Pedro II, entre outras ações, estabeleceu, por meio de decreto, “que as colônias fossem divididas em lotes urbanos e rurais de diversas extensões, devendo estes últimos ser cedidos aos imigrantes por um preço modicíssimo, depois de livre escolha” (BURKO, 1963, p. 43-



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

44). Isso mostra claramente a tentativa de atrair para o Brasil pessoas que pudessem trabalhar no cultivo da terra, trazendo e implantando conhecimentos advindos dos países europeus.

O incentivo à imigração européia para o Brasil também foi motivado no que concerne ao objetivo de povoar nossas terras com pessoas de cor branca. Sobre isso, Wachowicz (2001) afirma que “as elites diretivas do Brasil pensavam numa forma de impedir que o país se tornasse a maior nação negra do planeta, tamanho era o número de africanos trazidos ao Brasil desde o século XVI” (WACHOWICZ, 2001, p. 145-146). A esse respeito, Nadalin (2001, p. 76) contribui dizendo que, no Brasil, a imigração européia

traduzia-se numa receita para o **progresso**, via introdução do imigrante branco, livre, pacífico e trabalhador, capaz de ajudar a apurar e ‘tonificar’ – leia-se branquear – tanto a “raça” brasileira como o trabalho. O contato com o imigrante europeu deveria servir à eliminação das máculas da sociedade brasileira e levar o elemento nacional a produzir (NADALIN, 2001, p. 76, grifo do autor).

De fato, havia interesse do governo brasileiro em povoar as nossas terras e, em vista disso, entra em cena as Agências de Imigração, que divulgavam propagandas de vida fácil no Brasil. Cabe aqui, trazermos para discussão os motivos que fizeram os imigrantes saírem de suas terras ucranianas. Os imigrantes ucranianos e europeus, de modo geral, foram atraídos pelas propagandas feitas pelas companhias de navegação transoceânicas que, por meio de seus agentes de imigração, divulgavam as possibilidades de vida nova aos europeus num país do novo mundo, o Brasil. Esses agentes conseguiram maior êxito nos países eslavos, uma vez que lá havia uma maior concentração de camponeses, considerados mais humildes e, portanto, mais fáceis de convencê-los em buscar vida nova em outro território. É notório que muitos imigrantes foram enganados no que diz respeito às propagandas sobre as condições de vida fácil no Brasil. Sobre isso, expomos um dos relatos dos informantes.

Quando eles [os imigrantes] tavam vindo pra cá, falaram pra eles que era um país subtropical, primeira coisa que eles fizeram foi jogar no mar as cobertas deles, chegaram aqui, frio, não tinha estradas, tinham que fazer tudo com a mão, com o braço, casa não tinha, eles construíam de palha, né, fizeram as cobertas, foi muito difícil, pra ir pra Irati levava dois, três dias de carroça, não tinha estrada, não tinha ônibus, carro, nada (Valéria – 28 anos).

Tadinei Daniel Jacumasso, Ciro Damke



Esse relato mostra o quanto os imigrantes ucranianos foram enganados quando saíram de suas terras na Ucrânia, pois, quando chegaram ao Brasil, e mais especificamente ao Paraná, um dos estados mais frios do Brasil, não tinham nem com o que se agasalhar, haja vista que haviam jogado as suas cobertas no mar. Além disso, como relata o informante, aqui não tinha nada, não havia estradas e, como consequência, o transporte era difícil.

Somada à facilidade de convencimento, de modo geral, os camponeses europeus não viviam em boas condições econômicas e os agentes ofertavam uma nova pátria onde a terra produzia “tudo” o que se plantava. Sobre isso, apresentamos um dos relatos dos informantes.

Lá [na Ucrânia] era muita gente e o lugar era pequeno, sabe, eles não tinham no que trabaia, não tinham co que vivê, daí anunciaro que descobriro o Brasil e o Brasil ajudava trazê os amigrantes pra cá, eles viero, um tanto viero por conta do governo (Sebastião – 81 anos).

O transporte dos camponeses ucranianos para o Brasil, conforme relato acima, e de acordo com Nadalin (2001) era pago pelo governo brasileiro, porém, muitos imigrantes vieram para cá às próprias custas, principalmente aqueles que fugiram de suas aldeias. O imigrante ucraniano deixou seu país de origem, de acordo com Burko (1963, p. 51), fugindo das “perseguições religiosas e políticas, da guerra, da dominação de estrangeiros, da miséria e, algumas vezes, da própria fome”. O relato a seguir mostra que os ucranianos sofriam perseguições, passavam por misérias e, por não aguentarem mais aquela situação, deixaram o país de origem.

Eles viero de navio, né, não tinham conhecimento de nada, viero porque viero fugitivos de lá, né, por causa da guerra, mas viero pra cá, né (Andréia – 52 anos).

Ainda, sobre a emigração dos ucranianos para o Brasil, apresentamos um relato de um dos informantes que mostra, de certa forma, os motivos da saída da Ucrânia, entre eles o Comunismo, a vinda para o Brasil e as condições aqui encontradas. De acordo com o seguinte relato, efetivamente não havia condições de permanência do povo ucraniano em suas terras. As pressões eram tantas que acabaram deixando tudo o que tinham e saíram para procurar um novo lugar para viver.



Encontraram o Brasil e aqui construíram suas famílias, realizaram seus sonhos e compuseram um país marcado, sobretudo pela diversidade étnica e cultural.

Porque lá entrô o colunismo [sic.] e daí ele se obrigô de saí, abandonaro tudo, qué dizê que o meu pai não tinha nada, o pai dele tinha, eles tinham propiedade e tudo, mas lá era muito difícil pra vivê, daí o pai disse ‘o que que nós imo fazer aí?’ aí o pai do meu pai disse assim ‘vamo embora pro Brasil’ [...] tinha hora de rezar missa e hora de trabaiá, não tinha nada com nada, por em roda da casa o fiscal andava escuitando, sondando se o senhor tá rezando ucrâino ou brasileiro o língua que fosse, se tivesse rezando em voz arta, ali ca família, eles batiam na porta ‘você não pode rezar mais, você tem tempo para rezar’ tudo era na lei, então o povo de lá veio tudo embora (Alexandre – 74 anos).

O informante relata que naquela época entrou o Comunismo na Ucrânia e seus avós tiveram que abandonar tudo, suas terras, seus imóveis, seus animais, enfim, todos os seus bens. Além da miséria, os ucranianos foram oprimidos a ponto de não poderem rezar “fora de hora”. Havia homens que rondavam e vigiavam as casas para saberem em que língua os ucranianos estavam falando, em quais horários estavam rezando e assim por diante. Definitivamente o caos ali se havia implantado e o medo acompanhava os ucranianos por todas as partes. A solução era imigrar para outro país que lhes acolhessem e onde pudessem viver livres e realizar os seus sonhos.

Ainda, sobre o povoamento das terras brasileiras, convém mencionar que “para as autoridades brasileiras do final do século XIX, que num primeiro momento estavam preocupadas apenas com o **povoamento** do Brasil, eram bem vindos os imigrantes europeus de origem camponesa, que se radicassem em pequenas propriedades” (NADALIN, 2001, p. 65, grifo do autor). A comunidade de Itapará, assim como todas as comunidades rurais do município de Irati é considerada uma comunidade de pequenas propriedades e estas sobrevivem da agricultura familiar. Isso se deve pela forma com que os agricultores cultivam a terra. Em Itapará, assim como em outras comunidades, devido ao relevo bastante acentuado, predomina o cultivo do fumo. Essa cultura não exige extensas quantidades de terras e é a que, nos últimos anos, tem se mostrado a mais lucrativa, embora, pelo contato constante com agrotóxicos, tenha prejudicado, sobretudo, a saúde dos agricultores.



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

No que tange às dificuldades que passavam os imigrantes na viagem de navio da Ucrânia para o Brasil, diversos são os relatos de imigrantes e seus descendentes que revelam a perda de familiares nas viagens de navio. Na época, as condições de viagem eram precárias e, de fato, muitos acabavam morrendo antes de chegar ao destino. As viagens demoravam meses, conforme alguns relatos. Durante a viagem, às vezes, faltava água e comida, não havia estrutura para atendimento médico, no caso de alguma precisão. Os imigrantes sofreram frio, tomavam chuva e as condições de higiene não eram boas. Outro dado significativo, é que algumas famílias se desintegraram nas viagens e quando chegaram ao Brasil não puderam mais manter contato. Expomos, a seguir, um dos relatos dos informantes que mostra aquilo que apontamos.

Era muitos dia, né, que viajavam, perdiam família, que nem pra começar, o vô, né, perdeu uma irmã, parece que com quatorze ano, que morreu no trajeto de navio, né, daí tinham que jogar no mar, não teve outro jeito (Frederico – 38 anos).

Em relação às condições de vida aqui encontradas pelos imigrantes ucranianos, é oportuno mencionar um dos relatos dos informantes.

(...) aí [os imigrantes] entraro nos mato, eles não tinham nem co que esquentá o armoço [...] eles fizero os barraco, aqui era cidade, mas daí tinha os brasileiro trabaiano, gente boa, né, e já se aligaro cos amigrantes, não se compreendiam, mas daí meio mostrando nos dedo, tinha aqueles pinhero arto que eu me lembro muito bem, derrubavam, traçavam, partiam, faziam tábua lascando, nada de seraria, eu sei, eu trabaiei nisso, eu sei, lascá tábua, tabuinha pra cobrí casa (Sebastião – 81 anos).

Ainda, sobre os primeiros tempos dos ucranianos que vieram para Itapará, a seguir apresentamos um relato no qual podemos perceber o quanto eram pessoas simples e passaram por muitas dificuldades.

(...) daí, diz a minha avó que tavam na roça, daí começô, disse que viro o ronco do avião e começo a se agará no capim, porque tinham medo do que que era, né, daí até a minha avó começo gritar, ‘venham aqui porque isso vai ser o fim do mundo’ e também eles, assim, foram umas pessoas sofridas, né, porque aqui não tinha nada, eles viero pra cá, depois ali em Prudentópolis, depois viero pra cá, eles não tinham nada, assim, terra não tinham, nem com o que produzir (Leandra – 52 anos).



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Atualmente não é comum que alguém se assuste com o barulho de um avião, mas naquela época, aquele ronco causou bastante desconforto e medo aos imigrantes, chegando ao ponto de imaginarem o fim do mundo e de agarrarem-se nos capins como forma de proteção.

Como apontam alguns relatos, naquela época não havia meios de transportes e nem estradas que davam acesso à cidade de Irati. Atualmente há uma estrada que liga a referida comunidade com a cidade de Irati. São cinquenta quilômetros de distância: quinze são asfaltados e o restante ainda é estrada de terra. Essa estrada foi construída, basicamente pelos primeiros imigrantes da região em troca de comida.

Vale apontar que a imigração para o Brasil foi favorecida por ambas as partes, ou seja, pelo interesse mútuo, de um lado havia o interesse em povoar as terras brasileiras ainda não habitadas e trazer mão-de-obra especializada para trabalhar no cultivo do solo, e, de outro lado, o objetivo do povo ucraniano em deixar sua terra e livrar-se da miséria e das pressões vividas naquela pátria. De fato, por um lado, o Brasil se configurava/configura como um país de imigração que atuava/atua como elemento atrativo e, de outro lado, havia/há países de emigração que ofereciam/oferecem situações insustentáveis de sobrevivência aos seus habitantes.

Devido ao fenômeno da imigração, houve uma mudança na estrutura trabalhista no Brasil. Não se podia mais contar com o trabalho escravo, desencadeando-se, assim, o regime de trabalho livre. A esse respeito, Nadalin (2001, p. 53) aponta que “no lugar do trabalho escravo, a mão-de-obra livre e assalariada”. Os imigrantes organizaram-se em pequenas vilas rurais e naquele espaço, com muita dificuldade, produziam o próprio sustento, haja vista que não trouxeram quase nada de seus países de origem e que, segundo Burko (1963, p. 52) em alguns casos, “a assistência do Governo limitava-se, pois, ao pagamento de transportes marítimos e terrestres até ao destino definitivo, a uma pequena ajuda financeira nos primeiros dias e à distribuição quase gratuita de lotes para aqueles agricultores que se mostravam capazes e dispostos a cultivá-lo”. Em relação à chegada dos imigrantes ao Brasil, Farah, Guil e Philippi (2008, p. 14) afirmam que “as dificuldades não eram menores. Recebiam animais de tração, ferramentas agrícolas e uma ajuda de custo para os primeiros meses. Soltos no sertão bravo, eles precisavam absorver rapidamente as características do solo e do clima para aplicar suas técnicas de cultivo”. Desse modo, o uso da terra também sofreu mudanças, pois, houve uma democratização na produção agrícola que possibilitou o surgimento de atividades nos



mais diversos segmentos do setor, o que culminou no fortalecimento da estrutura econômica brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito aos objetivos propostos inicialmente, pode-se dizer que, apesar de as análises estarem em fase de construção, já é possível encontrar resultados relevantes. Ao contextualizar o histórico da presença de imigrantes ucranianos no Brasil, especificamente na comunidade de Itapará, um novo universo sobre a temática foi/está sendo descoberto: as condições da vinda dos emigrantes ucranianos para o nosso país foram precárias; a adaptação nas terras brasileiras foi dificultada pelo desconhecimento da língua portuguesa e pelas adversidades encontradas *nos matos* onde os imigrantes se instalaram; a conservação dos elementos culturais é uma marca do povo ucraniano; a igreja assume papel relevante para a preservação da língua e de outros elementos culturais ucranianos; a atitude dos falantes/moradores de Itapará em relação ao uso da língua ucraniana é favorável; o ambiente familiar oportuniza a conservação dos costumes e da língua ucraniana.

Em relação à vinda dos imigrantes ucranianos para o Brasil, podemos dizer, baseados nos relatos dos informantes e em fontes bibliográficas, que houve muitas controvérsias. Promessas de vida fácil aliadas à vontade de livrar-se das opressões por que passavam na Ucrânia. Quando chegaram aqui, as terras não *brotavam ouro* e a adaptação foi difícil.

A igreja faz parte da vida dos ucranianos e descendentes e, por isso, ajuda na conservação dos elementos culturais, entre eles, a língua ucraniana. Os rituais religiosos são realizados/mantidos em língua ucraniana, em sua maioria. Porém, o não (re)conhecimento da língua ucraniana pela geração mais nova favorece o uso da língua portuguesa nas celebrações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998.

BORUSZENKO, Oksana. **Os ucranianos**. 2. ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.



BURKO, Pe. Valdomiro N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2. ed. Curitiba: Universidade Internacional de Estudos Sociais “Pro Deo”, Roma, 1963. Monografia de Especialização.

FARAH, Audrey Lílian Souza; GUIL, Chico; PHILIPPI, Silvio José. **Irati 100 anos**. Curitiba: Editora Arte, 2008.

GÄRTNER, Mariléia. **Escolarização numa colônia de imigrantes ucranianos do Paraná**. Guarapuava: UNICENTRO/UNICAMP, 1998. Dissertação de Mestrado.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

LABOV, William. **Modelos sociolinguísticos**. Trad. José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e imigrações**. Curitiba: SEED, 2001.

OGLIARI, Marlene Maria. **As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999. Tese de Doutorado.

PEREIRA, Maria Ceres. **Naquela comunidade, os adultos falam alemão e “brasileiro”. Na escola, as crianças aprendem o português: um estudo do continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada**. Campinas: UNICAMP, 1999. Tese de Doutorado.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

RAMOS, Odinei Fabiano. **Ucranianos, poloneses e “brasileiros”**: Fronteiras étnicas e identitárias em Prudentópolis/PR. São Leopoldo: Unisinos, 2006. Dissertação de Mestrado.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2005.



WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: “Diversidade linguística, cultural e ensino de língua: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR”.

Pesquisador responsável: Tadinei Daniel Jacumasso

Prezado(a) Senhor(a),

Convidamos a participar voluntariamente de nosso projeto de pesquisa que tem o objetivo estudar a diversidade linguística, cultural e o ensino de língua da comunidade rural de Itapará. O procedimento adotado consiste em entrevistas individuais semi-estruturadas. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas, porém, qualquer informação que possa vir a identificá-lo será mantida em sigilo. É válido expor que tal atividade não representa riscos para os participantes e serão realizadas conforme sua disponibilidade. Sua contribuição servirá para ajudar na produção do conhecimento e a comunidade será beneficiada no sentido de que a pesquisa poderá servir de incentivo à valorização dos descendentes de ucranianos e a conservação de seus elementos culturais. As informações obtidas nesta pesquisa serão utilizadas na publicação de trabalhos científicos e também em apresentação em eventos, todavia, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo de sua participação. Desse modo, nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Se eventualmente esta pesquisa lhe causar qualquer tipo de dano, o pesquisador compromete-se a reparar este dano, ou prover meios para a reparação. A qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa que está sendo realizada e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir da participação. As informações poderão ser solicitadas ao pesquisador e ao Comitê de Ética em Pesquisa, pelo telefone (45) 32203272. Este Termo será entregue em duas vias, sendo que uma delas ficará com o senhor(a).

Desse modo, eu, _____ (nome legível), declaro que fui informado do objetivo da pesquisa e concordo em participar voluntariamente da mesma. Sei

Tadinei Daniel Jacumasso, Ciro Damke



que a qualquer momento posso revogar este Aceite e desistir sem necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaro, também, que não recebi nem receberei qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária e também não terei que pagar em virtude da minha participação.

Local e data. _____, __/__/____

Voluntário – Responsável

Eu, Tadinei Daniel Jacumasso, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto ao participante.

Tadinei Daniel Jacumasso
E-mail: tadinei@hotmail.com
Tel: (42) 3422-3173

Tadinei Daniel Jacumasso, Ciro Damke